

DANIEL COLE

BONECA DE TRAJOS

Tradução de
JOSÉ REMELHE



BONECA DE TRAPOS

Título original: *Ragdoll*

© 2017 Daniel Cole

© desta edição:

2018, Penguin Random House

Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Av. Duque de Loulé, 123

Edf. Office 123 — Sala 3.6

1069-152 Lisboa

correio@penguinrandomhouse.com

1.ª edição: Março 2018

ISBN: 978-989-665-295-1

Depósito legal: ??????/18

Tradução: José Remelhe

Revisão: Alice Soares

Paginação: Vítor Miranda

Capa: adaptação de Teresa Coelho

Fotografia do autor © Ellis Parrinder

Impressão e acabamento:

Printer Portuguesa

Suma de Letras é uma chancela de:

Penguin
Random House
Grupo Editorial

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Diga-me uma coisa, se você é o Diabo, o que sou eu?

Prólogo

Segunda-feira, 24 de Maio de 2010

Samantha Boyd passou por baixo da vacilante barreira policial e olhou de relance para a estátua da justiça empoleirada no famigerado tribunal de Old Bailey. Criada como símbolo de poder e integridade, asseverava-se agora aos olhos de Samantha aquilo que na realidade era: uma mulher desiludida e desesperada prestes a saltar do telhado. Adequadamente, a venda entalhada nas imagens semelhantes espalhadas por todo o mundo fora omitida, pois «justiça cega» era um conceito ingénuo, sobretudo quando estavam em causa temas como racismo e corrupção das autoridades policiais.

As artérias rodoviárias e as estações de metro em redor haviam sido de novo encerradas por causa do enxame de jornalistas que ali tinham assentado arraiais, transformando uma zona movimentada do centro de Londres num pardieiro absurdamente próprio da classe média. Embalagens vazias de comida pré-confeccionada alardeavam os logótipos da Marks & Spencer e da Pret A Manger, espalhadas pelo chão onde o lixo abundava. Sacos-camas de *designer* eram enrolados ao ritmo

do zunir de máquinas de barbear eléctricas, enquanto o ineficaz ferro de engomar de viagem de um homem não conseguia disfarçar o facto de ele ter dormido com as suas únicas camisa e gravata.

Samantha sentiu-se constrangida ao passar pelo meio da turba. Atrasada, ficara a transpirar devido à caminhada de seis minutos desde a Chancery Lane, e os seus cabelos loiros-platinados estavam soltos no ponto onde os havia prendido numa tentativa gorada de alterar a sua aparência. Desde o primeiro dia que a imprensa identificara todos os intervenientes no processo. Agora, no quadragésimo sexto dia, Samantha teria provavelmente aparecido em todos os jornais mais importantes do mundo inteiro. Vira-se obrigada a chamar a Polícia quando um repórter especialmente persistente a seguira até casa em Kensington e se recusara a ir embora. Determinada em evitar posteriores atenções indesejadas, manteve a cabeça baixa ao caminhar com passadas largas.

Duas filas serpenteantes alongavam-se pelo cruzamento da Newgate Street, com destino ao número insuficiente de casas de banho móveis de um dos lados e a um Starbucks do outro. Apanhada na ininterrupta torrente que circulava entre as duas filas, atravessou-a rumo aos agentes policiais que montavam guarda à entrada menos concorrida do tribunal. Quando, acidentalmente, foi apanhada pela câmara de uma das dezenas de filmagens que estavam a acontecer, uma mulher pequena atirou-se furiosamente a ela em japonês.

«É o último dia», pensou Samantha para com os seus botões, deixando para trás a incompreensível enxurrada de improperios; só faltavam mais oito horas até a sua vida poder voltar ao normal.

À entrada, um agente desconhecido inspeccionou a identificação de Samantha antes de a submeter à já familiar rotina: guardar todos os objectos pessoais, explicar que não podia tirar o anel de noivado quando os detectores de metais

fossem accionados, preocupar-se com as marcas de transpiração ao ser revistada e seguir caminho pelos corredores espartanos para se juntar aos outros onze jurados para uma chávena de café instantâneo morno.

Devido à excessiva atenção dos meios de comunicação social de todo o mundo e ao incidente em casa de Samantha, fora tomada a revolucionária decisão de isolar o júri, espoleitando a indignação da opinião pública quando a factura a pagar ao hotel ascendeu aos milhares de libras à custa dos contribuintes. Ao fim de quase dois meses, as conversas de circunstância da manhã versavam principalmente sobre as dores de costas provocadas pelas camas do hotel, a falta de variedade do menu ao jantar e os lamentos sobre as coisas de que as pessoas mais sentiam falta: esposas, filhos, a última temporada da série *Lost*.

Quando o meirinho finalmente veio chamar os jurados, o silêncio de tensão que as conversas triviais haviam camuflado veio ao de cima. O primeiro jurado, um ancião chamado Stanley, que fora nomeado pelos outros — ao que parecia sem outro motivo melhor do que o facto de ser extremamente parecido com Gandalf —, levantou-se devagar e conduziu-os para a sala de audiências.

Possivelmente, uma das salas de audiências mais conhecidas do mundo, a Sala Um estava reservada em exclusivo aos casos criminais mais graves; era a sala onde celebridades macabras como Crippen, Sutcliffe e Dennis Nilsen tinham sido julgadas pelos seus consideráveis pecados. Uma luz artificial inundava a sala, passando por uma enorme janela de vidro fosco ao alto, iluminando os painéis de madeira escura e os estofos verdes da sala.

Quando Samantha ocupou o seu lugar habitual na primeira fila do júri, o mais perto do banco dos réus, estava consciente de que o seu vestido branco, criação sua, talvez fosse um pouco curto de mais. Colocou a documentação do processo

sobre o colo, para desalento do lascivo velhote que praticamente atropelara alguém no primeiro dia com a pressa de reclamar o lugar ao lado dela.

Ao contrário das familiares salas de audiências retratadas nos filmes americanos, em que o arguido bem vestido fica sentado a uma mesa ao lado dos seus advogados, na Old Bailey o acusado fica sozinho de frente para a intimidante sala. As pequenas, mas prominentes, protecções de vidro que circundam o banco dos réus sobrelevado contribuem para a sensação de que o réu representa um perigo para os restantes ocupantes da sala.

Culpado até ser considerado inocente.

Mesmo em frente ao banco dos réus, à esquerda de Samantha, ficava o lugar do juiz. Havia uma espada com punho dourado pendurada no brasão régio por detrás da cadeira ao centro, o único lugar que permanecera vazio durante todo o julgamento. O escrivão e as equipas de defesa e acusação ocupavam o centro da sala, enquanto a galeria elevada onde o público se reunia, junto à parede mais ao fundo, estava apinhada de fervorosos espectadores de olhos húmidos que tinham acampado na rua para assistirem ao desfecho deste extraordinário julgamento. Ao fundo da sala, nos bancos esquecidos abaixo da galeria, tomavam assento diversas pessoas vagamente envolvidas no processo: peritos que os advogados poderiam querer chamar a depor, embora, provavelmente, não o fizessem; diversos funcionários judiciais; e, evidentemente, o agente que efectuou a detenção no centro de toda a controvérsia, o detective cuja alcunha era *Wolf*: William Oliver Layton-Fawkes.

Wolf estivera presente em todos os quarenta e seis dias do julgamento. Passara as infindáveis horas a olhar fixamente para o banco dos réus com uma expressão glacial desde o seu indistinto lugar ao lado da saída. De constituição compacta, com o rosto curtido e uns insondáveis olhos azuis, aparentava

ter quarenta e poucos anos. Samantha pensava que ele poderia ser bastante atraente se não tivesse o ar de quem já não dormia há meses e carregava o peso do mundo nas costas — apesar disso, em abono da verdade, achava-o atraente.

O Cremador, conforme fora apelidado pela imprensa, tornara-se o assassino em série mais prolífico de toda a história de Londres. Vinte e sete vítimas em vinte e sete dias, todas prostitutas com idades entre os catorze e os dezasseis anos, chamando ainda mais as atenções sobre o caso graças à exposição das massas mal informadas sobre as duras realidades que aconteciam nas esquinas das ruas onde viviam. A maioria das vítimas fora encontrada ainda em brasas, fortemente sedadas e queimadas vivas, tendo as chamas eliminado quaisquer potenciais provas. Depois, subitamente, os crimes pararam, deixando as forças policiais à nora, sem suspeitos de peso. A Polícia Metropolitana fora fortemente criticada durante toda a investigação, por inacção, enquanto raparigas inocentes estavam a ser assassinadas, mas então, dezoito dias após o último assassinio, Wolf fizera a detenção.

O homem que estava no banco dos réus era Naguib Khalid, um muçulmano sunita britânico de origem paquistanesa, taxista de profissão na capital. Vivia sozinho e tinha um registo prévio de pequenos delitos de fogo posto. Quando provas de ADN, que colocavam três das vítimas no banco traseiro do seu táxi, foram apresentadas em tribunal juntamente com o incriminador testemunho de Wolf, o caso asseverara-se simples. Fora então que tudo começara a desmoronar-se.

Surgiram álibis que contradiziam os relatórios de vigilância reunidos pelo detective e pela sua equipa. Vieram à tona acusações de assédio e intimidação enquanto Khalid era mantido sob custódia. Provas forenses contraditórias sugeriam que o ADN carbonizado não podia ser considerado uma prova fiável, e então, para deleite dos advogados de defesa, a direcção de normas de conduta profissional da Polícia

Metropolitana avançou com uma carta que lhes chegara às mãos. Enviada por um colega anónimo com data de poucos dias antes do último assassinio, a carta expressava preocupação sobre o modo como Wolf estava a lidar com o caso e sobre o seu estado psíquico, sugerindo que se tornara «obcecado» e «desesperado», passando a recomendar que fosse imediatamente destacado para outro caso.

De súbito, a história mais explosiva do mundo assumira contornos ainda mais dramáticos. A Polícia foi acusada de utilizar Khalid como um conveniente bode expiatório para dissimular a sua própria incompetência. O comissário e o adjunto do *Specialist Crime & Operations* foram pressionados a renunciar aos cargos devido à clamorosa corrupção ocorrida sob a sua alçada, enquanto os tablóides eram inundados por escândalos sobre o infame detective: os alegados problemas com o álcool e as tendências possivelmente violentas que teriam levado ao fim do seu casamento. Em determinada altura, a pedante advogada de defesa de Khalid fora repreendida por sugerir que Wolf e o seu cliente haviam trocado de posições. Ao longo de todo o processo, Naguib Khalid assistira com perplexidade ao desenrolar dos acontecimentos sem nunca revelar qualquer sinal de satisfação perante a sua passagem de demónio a vítima.

O último dia do julgamento decorreu conforme esperado. A defesa e a acusação apresentaram as alegações finais antes de o juiz transmitir as suas instruções ao júri: uma breve súmula das escassas provas ainda consideradas válidas e conselhos relacionados com as complexidades legais. De seguida, o júri pôde ausentar-se para decidir o veredicto numa divisão privada cuja decoração era prosaicamente idêntica à da sala de audiências, com painéis de madeira e estofos de couro verde. Durante mais de quatro horas e meia, os doze jurados estiveram reunidos à volta da enorme mesa de madeira a debater o veredicto.

Samantha já decidira a direção do seu voto semanas antes e ficou espantada ao perceber que os outros membros do júri estavam divididos. Ela nunca permitiria que a opinião pública influenciasse a sua decisão, disso tinha a certeza, embora ficasse satisfeita por o seu voto não atihar ainda mais a fogueira em que a sua loja, o seu sustento e a sua felicidade naquele momento ardiam. Repetiram-se vezes sem conta os mesmos argumentos. De seguida, alguém trouxe à baila o aspecto do testemunho do detective e ficou irritado quando lhe disseram, pela enésima vez, que esse testemunho era inadmissível e deveria ser ignorado.

Stanley solicitava com regularidade uma votação, após o que o meirinho levava ao juiz um bilhete a informar que ainda não tinham chegado a um veredicto unânime. A cada votação, outra pessoa cedia à pressão da crescente maioria até que, minutos antes da quinta hora, se chegou à contagem de dez votos contra dois. A contragosto, Stanley entregou ao meirinho um bilhete com essa indicação e, dez minutos depois, o funcionário regressou para conduzir o júri de volta à sala de audiências.

Quando regressou ao seu lugar ao lado do banco dos réus, Samantha conseguia sentir todos os olhares postos nela. A sala estava em silêncio e ela sentiu-se irracionalmente envergonhada quando cada passo dos seus sapatos de tacão alto ecoou por entre as paredes. Felizmente, os ríspidos rangidos e roçagares que se seguiram, quando os doze jurados ocuparam os seus lugares ao mesmo tempo, tornaram, em comparação, aquela diminuta perturbação tranquilizadora e trivial.

Consequia lobrigar pessoas a tentar decifrar a sua expressão, demasiado impacientes para esperarem mais um minuto pelo veredicto do oficial, e ela apreciou isso. As pessoas «versadas» que enchiam aquela sala tinham-se mostrado emproadas com as suas perucas e togas, tratando-a,

e aos outros jurados, com uma amabilidade condescendente; contudo, agora estavam todas à mercê do júri. Samantha fez um esforço para não sorrir maliciosamente; sentia-se como uma criança em posse de um segredo que não devia revelar.

— Queira o arguido levantar-se — comunicou o escrivão, rompendo o silêncio.

No banco dos réus, Naguib Khalid levantou-se a custo.

— Queira o primeiro jurado levantar-se.

Stanley levantou-se na ponta da fila onde Samantha se encontrava.

— Chegaram a um veredicto por unanimidade?

— Não — estalou a voz de Stanley, tornando a resposta quase inaudível.

Samantha revirou os olhos enquanto ele aclarou a garganta com três tossidelas crepitantes.

— Não — repetiu Stanley quase a gritar.

— Chegaram a um veredicto com o acordo de uma maioria suficiente?

— Chegámos — balbuciou Stanley, ao perceber que errara na terminologia. — Desculpem... Sim, Meritíssimo.

O escrivão olhou para o juiz, que aceitou a votação por maioria com um menear de cabeça.

— O júri considera o réu Naguib Khalid culpado ou inocente das vinte e sete acusações de assassinio?

Samantha deu por si a suster a respiração, apesar de já conhecer a resposta. Várias cadeiras rangeram em simultâneo quando ouvidos ansiosos se aproximaram, na expectativa.

— Inocente.

Samantha olhou de relance para Khalid, fascinada ao ver a sua reacção. Tremia de alívio, tapando a cara com as mãos.

Foi então que irromperam os primeiros gritos de pânico.

Wolf percorrera a curta distância até ao banco dos réus e puxara Khalid pela cabeça por cima da divisória de vidro

antes de qualquer um dos seguranças ter tempo para reagir. Khalid caiu mal, sendo o seu gemido ofegante abafado pela implacável agressão. As costelas estalaram debaixo do pé de Wolf, que ficou com os nós dos dedos ensanguentados por força da intensidade do ataque.

Soou um alarme algures.

Wolf sofreu um golpe na cara e sentiu o sabor do sangue ao cair de costas por cima do júri, deitando por terra a mulher que estava mais perto dele. Durante os poucos segundos que levou a acalmar-se, vários agentes se tinham interposto entre ele e o corpo alquebrado que jazia aos pés do banco dos réus.

Wolf desatou a vociferar ao cambalear para a frente, sentindo mãos fortes agarrá-lo de modo a reprimir as suas tentativas, obrigando-o a pôr-se de joelhos e, finalmente, a deitar-se no chão. Inspirou de exaustão, sentindo o cheiro de suor e cera, vendo o cassetete de um dos agentes feridos rolar até embater com um baque surdo no painel de madeira ao lado de Khalid.

Parecia estar morto, mas Wolf tinha de ter a certeza.

Com um último ímpeto de adrenalina, começou aos pontapés e foi a rastejar até ao corpo inerte com manchas castanho-escuras onde o sangue já impregnava o tecido do grosseiro fato azul-marinho. Wolf levou a mão à pesada pistola, passando os dedos à volta do metal frio. Já a levantara acima da cabeça quando um impacto arrasador o fez cair de costas. Desnortado, não conseguiu mais do que ficar a ver o agente de segurança desferir novo golpe, esmagando-lhe o pulso com uma segunda pancada brutal.

Ainda mal tinham passado vinte segundos desde a leitura do veredicto, mas, quando ouviu o estrépito do metal a bater na madeira, Wolf percebeu que tinha acabado. Só rezava para que as suas acções tivessem sido suficientes.

As pessoas fugiam para as saídas aos gritos, mas um grupo de agentes da Polícia obrigaram-nas a voltar para

dentro; Samantha deixou-se ficar sentada no chão, atordoada, a fitar o vazio, não obstante os acontecimentos que decorriam a poucos metros dela. Por fim, alguém lhe pegou por um braço, ajudou-a a levantar-se e apressou-a a sair da sala. A pessoa que conduzia Samantha gritava alguma coisa, mas ela não conseguia perceber o quê. Um alarme silencioso, praticamente inaudível. Escorregou no pavimento do grande átrio e sentiu um joelho bater-lhe num dos lados da cabeça. Não sentiu dor, mas caiu de costas sobre o mármore siciliano preto e branco, olhando atordoada para a abóbada ornamentada, vinte metros acima dela, para as estátuas, para as janelas de vidro fosco e para os murais.

O seu salvador puxou-a para trás depois de a multidão passar e conduziu-a até à entrada principal antes de voltar a correr na direcção da sala de audiências. As enormes portas de madeira e os portões negros estavam escancarados, com o céu encoberto a chamá-la do lado de fora. Agora sozinha, Samantha cambaleou até à rua.

A fotografia não podia ter saído melhor se ela tivesse feito pose: a bela jurada manchada de sangue, toda de branco, traumatizada por baixo das esculturas de pedra da Determinação, da Verdade e do sinistro Anjo Registador, vestido da cabeça aos pés com um grosso manto, imitando a morte, preparado para reportar ao Paraíso uma interminável lista de pecados.

Samantha virou as costas à voraz alcateia de jornalistas e aos *flashes* ofuscantes. Sob o tremeluzir de milhares de fotografias, reparou nas palavras entalhadas na pedra lá no alto, espalhadas por quatro diferentes pilares de pedra, como se suportassem o seu peso metafórico:

Defender os Filhos dos Pobres
e Castigar os Criminosos.

Ao ler as palavras, foi subjugada pela sensação de que, de alguma forma, teria falhado; poderia com franqueza afirmar que estava tão inequivocamente convencida da inocência de Khalid quanto o detective estava da sua culpa? Quando o seu olhar acabou por recair sobre o anjo encapuzado, Samantha percebeu que ele tinha lavrado a lista.

Ela acabara de ser julgada.